

HORATIO LORDE NELSON, O HERÓI POLÊMICO, SEGUNDO ALFRED THAYER MAHAN E SIR JOHN KNOX LAUGHTON – Parte X: Nelson encontra o seu destino em Trafalgar

FRANCISCO EDUARDO ALVES DE ALMEIDA*
Capitão de Mar e Guerra (Ref^{ts})

No dia 15 de setembro de 1805, Nelson partia na *Victory*, sob o comando de seu amigo Hardy, acompanhado da fragata *Euryalus*, do Capitão Blackwood. Em seu diário de bordo, Nelson escreveu o seguinte:

Às dez e meia saí de minha adorada Merton, onde deixei tudo que considero mais precioso no mundo para ir servir meu rei e país. Possa o grande Deus o qual adoro permitir-me suprir as expectativas de meu país, e se Ele, em seu supremo desejo, deixar que eu retorne, meus agradecimentos nunca

cessarão e serão oferecidos ao trono de sua misericórdia. Se Ele em sua grande providência retirar-me da terra, eu me entregarei com grande submissão, acreditando que Ele protegerá aqueles que me são caros e os que deixei atrás. O que Ele quiser será feito. Amém.¹

Ao mesmo tempo em que Nelson partia para lutar contra Villeneuve, ele pressentia que essa luta seria a sua última. Mahan escreveu que Nelson “ele próprio parecia ter já as vagas premonições de seu fim próximo... Tais pressentimentos, apesar dos momentos solenizados e consagrados,

* Graduado em História (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), com mestrado e doutorado em História Comparada (UFRJ) e pós-doutorado em Ciência Política pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos da Escola de Guerra Naval.

1 LAUGHTON, John Knox. *Nelson. Op. cit.*, p. 208. Há nesta passagem uma premonição de Nelson sobre a morte, que fatalmente ocorrerá.

não tinham o poder para amedrontar, nem converter alegria em desesperança”².

Nelson tinha consciência de que Ville-neuve só se faria ao mar a partir de Cádiz, se tivesse superioridade tática local, e o que ele, Nelson, desejava era a total aniquilação da esquadra francesa e não apenas um encontro indefinido. Sua busca pela batalha decisiva foi um fator importante e fundamental para Mahan arquitetar o conceito de “batalha decisiva” como uma concepção estratégica naval clássica. A chegada, inclusive, de seu grande amigo Sir Edward Berry comandando seu antigo navio, o *Agamemnon*, trouxe a ele uma grande satisfação. Exclamou Nelson perante os oficiais da *Victory* quando Berry se aproximava do capitânia comandando o *Agamemnon*: “Aí vem Berry. Agora teremos uma batalha!”³. Outros comandantes que faziam parte de seu séquito de *brothers* eram Fremantle, do *Neptune*; Israel Pellew, do *Conqueror*; Eliab Harvey, do *Temeraire*; George Duff, do *Mars*; e Edward Codrington, do *Orion*. Em carta a sua esposa, Codrington diria com satisfação: “Está Lorde Nelson vindo para nós? Eu ansiosamente desejo que ele venha (...) por caridade envie-nos Lorde Nelson, vocês homens com poder!”⁴. Em 29 de setembro, Nelson finalmente se agregou à esquadra e recebeu o comando de Collingwood, que passou a ser seu segundo em antiguidade. Codrington escreveria para sua mulher:

“Lorde Nelson chegou! Uma grande alegria geral foi a tônica, e muitos efeitos virão de nossa mudança de sistema”⁵.

Nelson ficou muito emocionado com a receptividade que recebeu de seus comandados. Ele disse: “A recepção que encontrei ao me juntar à esquadra me causou a mais doce sensação de minha vida. Os oficiais que vieram a bordo [da *Victory*] para me dar boas-vindas esqueceram o meu cargo de comandante em chefe no entusiasmo que me receberam”⁶.

Logo ao chegar, Nelson convidou seus comandantes para jantar a bordo da *Victory*, de modo a discutir seus planos para a batalha que se avizinhava. Ele tratou todos esses comandantes como irmãos de armas e amigos pessoais e com toda a delicadeza de um *gentleman* e oficial. Todos ficaram fascinados por seus modos e pelo tratamento dispensado⁷. Um de seus subordinados, o Capitão Codrington, lembraria anos depois a gentileza de Nelson com uma das cartas trazidas por ele da Inglaterra, escrita por sua esposa. Ao dar a carta a Codrington, Nelson disse que ela havia lhe sido entregue por uma *lady* e que ele tomou como ponto de honra entregá-la pessoalmente, em vez de enviar por outro portador⁸. Codrington ficou encantado com aquela gentileza.

No dia 9 de outubro, Nelson expediu um memorando detalhando sua ideia de manobra, o que ele chamou de *Nelson’s Touch*⁹, para combater os franceses, e

2 MAHAN, Alfred Thayer. *The Life of Nelson*, v. 2, *op. cit.*, p. 327.

3 LAUGHTON, John Knox. *The Nelson Memorial*. *Op. cit.*, p. 284. Berry era um dos favoritos de Nelson, acompanhando-o desde 1794, no *Agamemnon* e no *Captain*.

4 LAUGHTON, John Knox. *Nelson*. *Op. cit.*, p. 209.

5 *Ibidem*, p. 210.

6 MAHAN, Alfred Thayer. *The Life of Nelson*, v. 2. *Op. cit.*, p. 339.

7 LAUGHTON, John Knox. *Nelson*. *Op. cit.*, p. 211.

8 MAHAN, Alfred Thayer. *The Life of Nelson*, v. 2. *Op. cit.* p. 340.

9 Mahan analisou a gênese da expressão *Nelson Touch*, cunhada pelo próprio Nelson. Segundo Mahan, a expressão surgiu de uma de suas cartas a Emma, quando citou a manobra a ser usada em detalhe, e outra interpretação seria o modo que ele adotaria, “*Touch and take*” (“toque e tome”) após a batalha, caso vivesse. Fonte: MAHAN, Alfred Thayer. *The Life of Nelson*, v. 2. *Op. cit.*, p. 353.

esses jantares passaram a ser os pontos de reunião com seus subordinados para a discussão de seu plano. Em essência, a ordem de navegação dos navios seria a ordem de batalha. A ideia era formar duas linhas de navios com 16 e 17 navios cada uma, a primeira sob o seu comando e a segunda sob o comando de Collingwood. A linha de Nelson deveria atacar o centro da linha inimiga, em um ângulo de 90 graus, deixando por bombordo a parte de vante de Villeneuve, enquanto Collingwood deveria atacar a retaguarda inimiga a partir do 12º da coluna, também em um ângulo de 90 graus. Com esse plano, Nelson previa que a parte de vante do inimigo não poderia retornar para o combate rapidamente, em razão da dificuldade de se guinar 180 graus em um navio a vela e que, concentrando no centro e na retaguarda, ele teria superioridade de meios em con-



Figura 1 – Almirante Sir Cuthbert Collingwood (1748-1810), segundo de Nelson em Trafalgar. Pintura exibida no National Maritime Museum, em Londres

fronto. Era por certo uma ideia ousada e ia contra as regras estabelecidas, nas quais a formação de uma linha contínua era a mais indicada. Nelson inovara e excedia-se como um tático brilhante. Três fatores seriam fundamentais para essa manobra dar certo: a confusão que provocaria na linha inimiga, a concentração em dois pontos da força de Villeneuve e o tempo gasto para a manobra ofensiva¹⁰. Mahan, em seu livro biográfico, descreveu detalhadamente a ideia de manobra tática de Nelson para enfrentar Villeneuve, porém, por ser muito específica e fugir ao propósito deste artigo, preferiu-se não analisar essa manobra em detalhe.

Enquanto isso ocorria, Napoleão enviara o substituto de Villeneuve via Madrid, o Vice-Almirante Rosily, determinando, como uma forma de pressão, que Villeneuve suspendesse de Cádiz e se dirigisse para Toulon, de onde atacaria a costa italiana. Apesar de todas essas ações, Napoleão estava com os olhos voltados para a Alemanha e a propalada invasão da Inglaterra estava ficando em segundo plano.

Nelson verificou que seus navios precisavam se abastecer de víveres e, assim, determinou que um dos seus esquadrões, sob o comando do Contra-Almirante Sir Thomas Louis, se dirigisse para Gibraltar, onde faria um abastecimento rápido, com ordens para voltar imediatamente para a esquadra, de modo a enfrentar Villeneuve. Louis protestou, alegando que não queria se afastar da ação, no entanto Nelson o acalmou, afirmando que Gibraltar estava próximo e que ele não perderia a batalha por nada¹¹. Louis, então, com seis navios, deixou a força principal e se dirigiu a toda velocidade possível para Gibraltar. Nelson agora permanecia com 27 navios de linha.

10 MAHAN, Alfred Thayer. *The Life of Nelson*, v. 2. *Op. cit.*, p. 348.

11 LAUGHTON, John Knox. *The Nelson Memorial*. *Op. cit.*, p. 286.

Antes de entrar em combate, Nelson deu ordens para que todos escrevessem suas últimas cartas para as famílias. Os comandantes de unidades, então, recolheram toda a correspondência e a entregaram ao comandante de um brigue, que a levaria para a Inglaterra. Em sequência, o brigue suspendeu a toda velocidade para o Norte. No convés da *Victory*, Nelson percebeu uma agitação envolvendo seu ajudante de ordens e oficial de sinais, Tenente Pasco. Ao ver que Pasco gesticulava excessivamente no convés, Nelson o chamou. Perguntou o que lhe afligia, no que foi dito que nada que tirasse a atenção de Nelson. Isso não o satisfez. Voltou a perguntar a Pasco o que era. Constrangido, ele finalmente explicou a sua agitação: um contramestre da *Victory*, que tinha se distinguido nas fainas marinheiras de bordo e que recolhera a correspondência de seus amigos, esquecerá de enviar a sua própria carta, que estava em um de seus bolsos. Nelson, imediatamente, deu ordem a Pasco que chamasse de volta o brigue para incluir a carta do modesto contramestre. O ajudante de ordens, então, chamou por sinais o navio de volta, para incluir a carta esquecida de um simples contramestre da *Victory*. Pasco, já almirante, lembraria anos depois esse fato e explicou que, não sem razão, os marinheiros adoravam Nelson e que, ao sempre se lembrar deles, ele conquistou

Em 21 de outubro de 1805, de manhã cedo, a esquadra britânica se defrontou com a força de Villeneuve, próximo ao Cabo Trafalgar. Estava para começar a maior batalha naval das Guerras Napoleônicas

seus corações por mostrar o seu próprio coração¹². Mahan fez questão de descrever esse fato, para enaltecer ainda mais o seu herói Nelson.

No dia 19 de outubro, Villeneuve suspendeu com toda a sua força de Cádiz em direção ao Estreito de Gibraltar. Quase ao mesmo tempo, a chalupa inglesa *Weasel* percebeu a movimentação francesa e deu o alarme para Nelson, que se encontrava próximo.

Em 21 de outubro, de manhã cedo, a esquadra britânica se defrontou com a força de Villeneuve a cerca de dez milhas de

distância, próximo ao Cabo Trafalgar. Estava para começar a maior batalha naval das Guerras Napoleônicas. Segundo Laughton, “cada comandante de navio da esquadra sabia precisamente o que deveria fazer (...) somente três sinais foram içados ao se avisitar a força inimiga: 1- formar ordem de

navegação em duas colunas; 2- preparar para a batalha; 3- seguir em sucessão o rumo estabelecido pelo almirante”¹³. Villeneuve já ordenara a formação de uma coluna de navios, conforme prescrito nas instruções de combate. Ao perceber a esquadra de Nelson, o almirante francês ordenou uma guinada para o Norte de modo a alcançar Cádiz, uma vez que o herói inglês se posicionou para atacá-lo próximo a Gibraltar. A formatura da coluna franco-espanhola, com 33 navios

12 MAHAN, Alfred Thayer. *The Life of Nelson*, v. 2, *op. cit.*, p. 360.

13 LAUGHTON, John Knox. *Nelson*. *Op.cit.* p. 215.

de linha¹⁴, além das fragatas, demorou para ser formada, em razão do pouco vento reinante e do baixo adestramento das tripulações, segundo Laughton¹⁵. A formatura de cerca de cinco milhas,¹⁶ que deveria ser uma linha contínua, ao final da manobra, tornou-se uma lua crescente¹⁷.

Os britânicos, então, formaram duas colunas e seguiram em um ângulo de 90 graus para interceptar os franco-espanhóis, sendo que a linha mais ao norte era comandada por Nelson, na *Victory*, com 12 navios, enquanto que a linha mais ao

sul era comandada por Collingwood, na *Royal Sovereign*, com 15 navios, mantendo uma distância de uma milha entre elas. O vento vinha na direção oeste/nordeste, e a força de Villeneuve seguia na direção norte. Na coluna de Nelson vinham, nas três primeiras posições, a *Victory*, a *Temeraire* e a *Neptune*. Na coluna de Collingwood seguiam, nas três primeiras posições, a *Royal Sovereign*, a *Belleisle* e *Mars*¹⁸. A aproximação foi lenta, em virtude do fraco vento reinante. Nelson, então, desceu para a sua câmara e fez o último lançamento em seu diário. Escreveu ele o seguinte:

Possa o grande Deus, que eu adoro, conferir ao meu país e, para o benefício da Europa de modo geral, uma grande e gloriosa vitória e que a má conduta de alguém não a macule e possa a humanidade depois da vitória ser um aspecto predominante da esquadra britânica. Eu coloco individualmente minha vida em Suas mãos que me criou, e possa Sua benção iluminar minhas realizações para servir meu país fielmente... Visto que os eminentes serviços de Emma Hamilton, viúva do honorável Sir William Hamilton, têm sido de grande valor para nosso rei e país, segundo minha ótica, sem receber qualquer recompensa do rei e do país... deixo Emma Lady Hamilton por isso, como um legado ao meu rei e país, e que eles deem amplo apoio para sua manutenção em vida. Deixo também

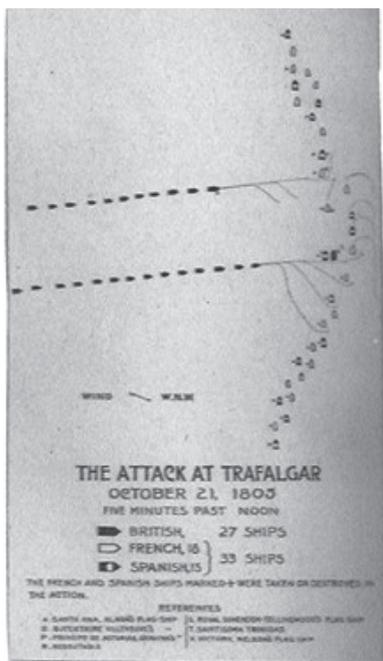


Figura 2 – O ataque em Trafalgar. Fonte: MAHAN, Alfred Thayer. *The Life of Nelson*, v. 2. *Op. cit.*, p. 370

14 Desse grupo de 33 navios, 18 eram franceses e 15 espanhóis. O comandante-geral era o Vice-Almirante Villeneuve, francês; o comandante espanhol mais antigo era o Vice-Almirante Gravina. Os outros almirantes eram os Contra-Almirantes (franceses) Dumanoir le Pelley e Magon; e os espanhóis, o Vice-Almirante Alava e o Contra-Almirante Cisneros.

15 LAUGHTON, John Knox. *The Nelson Memorial*. *Op. cit.*, p. 287.

16 MAHAN, Alfred Thayer. *The Life of Nelson*, v. 2. *Op. cit.*, p. 370.

17 Ver Figura 2.

18 Ver Figura 2.

ao benefício de meu país minha filha adotiva Horatia Nelson Thompson e peço que ela use no futuro somente o nome Nelson. Esses são os únicos desejos que peço a meu rei e país neste momento quando vou travar sua batalha. Possa Deus abençoar meu rei e país e a todos que eu estimo. Nelson e Bronte. Testemunhas: Henry Blackwood¹⁹ e Thomas Hardy.²⁰

Além desse testamento, Nelson escreveu uma carta para Emma e outra para Horatia. Para a primeira, disse: “Cuidarei que meu nome seja o mais adorado para você e Horatia, a ambas amo como minha própria vida”. Para a segunda, escreveu: “Fiquei feliz em saber que você é uma menina muito boa e ama minha querida Lady Hamilton, que a ama muito. Receba, minha querida Horatia, a benção afetuosa e paternal de seu pai. Nelson e Bronte”²¹. Essas cartas foram encontradas por Hardy após a batalha e entregues a Emma.

Às 11 horas da manhã, a distância entre as forças estava a duas milhas. Nelson, já no convés, encaminhou o último sinal a Collingwood e aos seus navios. O sinal dizia: “A Inglaterra espera que cada um cumpra o seu dever”²². E seria dito por Collingwood a seu ajudante de ordens, que estava a seu lado: “Desejo que Nelson não ouse qualquer outro sinal; nós sabemos o que temos que fazer”²³. Todos os comandantes sabiam o que fazer realmente.

No momento em que se aproximava da esquadra inimiga, Nelson virou-se para Hardy, que estava a seu lado, e disse: “Hardy, o que o pobre Sir Robert Calder daria para estar aqui conosco agora!”²⁴. Calder partira na semana anterior para responder a corte marcial na Inglaterra. Perdera a batalha por poucos dias. Certamente que ele colheria os louros da vitória e possivelmente seria poupado do constrangimento de um tribunal militar.

O almirante espanhol Alava, comandante da força de ré, a bordo do navio de

19 Blackwood, um amigo pessoal de Nelson, se encontrava a bordo da *Victory* por solicitação dele, em razão de Blackwood comandar as fragatas da esquadra. Nessa ocasião, Blackwood, aproveitando sua amizade com o almirante, solicitou a assunção de comando de um dos navios de linha, o *Ajax* ou o *Thunderer*, que estavam sob o comando de seus imediatos, Tenentes Piffold e Stockham, em razão de seus comandantes terem seguido com Calder para a corte marcial como testemunhas. Nelson sabia que essa assunção não seria bem apreciada pelas duas tripulações e que esses tenentes tinham o direito, por tradição, de comandarem esses navios na ausência de seus comandantes; dessa maneira, declinou de indicar o amigo Blackwood para um dos navios, alegando que ambos tinham o direito natural a esses comandos. A palavra usada por Nelson para justificar sua negativa a Blackwood foi “*birthright*”, que não tinha o sentido de “direito hereditário”, como indicado nos dicionários, mas sim de “direito por tradição”. Mahan considerou tal ato nobre e correto sob o ponto de vista naval. Fonte: MAHAN, Alfred Thayer. *The Life of Nelson*, v. 2. *Op. cit.*, p. 374.

20 Diário de bordo de Horatio Lorde Nelson, em 21 de outubro de 1805. Fonte: LAUGHTON, John Knox. *Nelson's Letters and Despatches*. *Op. cit.*, p. 428.

21 Carta de Horatio Lorde Nelson para Emma Lady Hamilton, escrita da HMS *Victory* em 19 de outubro de 1805, e carta de Horatio Lorde Nelson para Horatia Nelson Thompson, escrita da HMS *Victory* em 19 de outubro de 1805. Fonte: WTJ. *Letters and despatches of Horatio Nelson*, October 15th through 21st 1805, letters XII e XIII.

22 Houve uma certa confusão no sinal. Seu ajudante de ordens, Tenente John Pasco, solicitou a mudança da palavra *confides* (confia), como proposto por Nelson, para *expects* (espera), em razão de inexistir, no código em vigor na ocasião, bandeira correspondente a *confides*, existindo, no entanto, bandeira para *expects*. Fonte: LAUGHTON, John Knox. *The Nelson Memorial*. *Op. cit.* p. 293.

23 LAUGHTON, John Knox. *Nelson*. *Op. cit.*, p. 221.

24 MAHAN, Alfred Thayer. *The Life of Nelson*, v. 2. *Op. cit.*, p. 354.

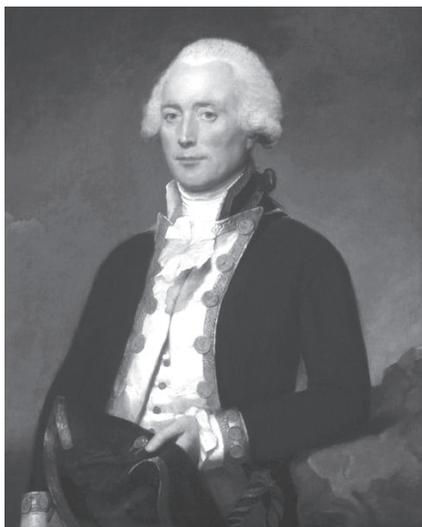


Figura 3 – Contra-Almirante Sir Robert Calder (1745-1815). Pintura exibida no National Maritime Museum, em Londres

linha *Santa Ana*, começou a abrir fogo no navio de Collingwood, o *Royal Sovereign*. Nesse instante, todos os navios britânicos içaram seus pavilhões de combate. Como segundo da coluna de Nelson seguia o Contra-Almirante Lorde Northesk, a bordo do *Britannia*. Por cerca de 20 minutos, o *Royal Sovereign* recebeu tiros do *Santa Ana* e do *Fougueux*, no entanto, em razão do baixo adestramento das tripulações franco-espanholas, os danos foram pequenos. Às 12h20, o *Royal Sovereign* cruzou a proa do *Fougueux* e a popa do *Santa Ana* e, nesse momento, Collingwood deu ordem de abrir fogo em ambos os navios inimigos. Os tiros britânicos foram devastadores. Em seguida, o *Royal Sovereign* guinou para cima do *Santa Ana* e o engajou com uma bordada de tiros a curta distância. Nelson tudo observava e, ao verificar a manobra de Collingwood, comentou com Hardy:

“Veja como aquele nobre do Collingwood leva seu navio para a ação”²⁵. Quase ao mesmo tempo, Collingwood virou-se para o comandante do *Royal Sovereign*, Capitão Rotherham, e disse: “Rotherham, o que Nelson daria para estar aqui!”²⁶.

Outros navios inimigos engajaram Collingwood, no entanto a pontaria foi deficiente. Em poucos minutos o *Belleisle* correu em auxílio ao *Royal Sovereign* e aliviou a pressão inimiga. Tanto o *Royal Sovereign* como o *Belleisle* começaram a sofrer grandes avarias, no entanto outros navios britânicos foram se agregando à batalha e uma grande confusão se estabeleceu.

A coluna de Nelson se aproximou do centro inimigo, onde se encontrava o grande navio de linha espanhol *Santissima Trinidad*, de 130 canhões, o maior navio de guerra construído na Europa, no qual tremulava o pavilhão do Contra-Almirante Cisneros. Nelson procurou divisar o pavilhão de Villeneuve, pois acreditava que ele se encontrava no centro da formatura²⁷. Em verdade, Villeneuve estava no *Bucentaure*, bem próximo do *Santissima Trinidad*. Esses dois navios, então, abriram fogo sobre a *Victory* por cerca de 40 minutos, no entanto poucos tiros acertaram o navio capitânia de Nelson. Na aproximação da *Victory*, os tiros começaram a acertar o seu convés, principalmente os disparos dos mosquetes dos marinheiros e fuzileiros franceses que se encontravam nos mastros. Em pouco tempo, o convés da *Victory* começou a encher de mortos. Um dos tiros passou ao lado de Hardy e Nelson e quase os atingiu²⁸. Alguns dos mastros e o leme da *Victory* foram também atingidos, o que obrigou o seu

25 *Ibidem*, p. 384.

26 *Idem*.

27 Ver Figura 2.

28 LAUGHTON, John Knox. *Nelson. Op. cit.*, p. 226.



Figura 4 – Sir Thomas Hardy (1769-1839), comandante da *Victory* em Trafalgar. Pintura exibida no National Maritime Museum, em Londres

governo a ser conduzido pela secundária cobertas abaixo²⁹.

Um pouco antes de uma hora, finalmente, a *Victory* cruzou a popa da *Bucentaure* e, nesse momento, Nelson deu ordem de abrir fogo. Foi uma grande devastação no navio francês. Os mortos se acumularam no convés. Ao se alinhar com ele a *Bucentaure*, a *Victory* desferiu uma grande bordada, e Laughton acreditou que cerca de 400 homens foram mortos ou feridos naquele encontro. Outro navio francês foi engajado por Nelson, o *Redoutable*. Os mosqueteiros franceses nos mastros continuaram a varrer o convés da *Victory*,

onde se encontrava Nelson, que usava naquela ocasião seu uniforme de vice-almirante com medalhas e comendas³⁰. Não foi difícil de ser localizado por um desses atiradores franceses, que, ao perceber que lá se encontrava um almirante britânico, efetuou um disparo certo, atingindo Nelson no ombro esquerdo. A bala atravessou o uniforme, entrou no ombro, varou o pulmão, dilacerou a espinha e se alojou nos músculos das costas. Em seguida, Hardy procurou ampará-lo, no que Nelson disse: “Eles conseguiram finalmente, Hardy, sim, minha espinha foi atingida”. Um lenço foi colocado em

seu rosto para que os marinheiros britânicos não percebessem que seu almirante tinha sido ferido. Rapidamente Nelson foi levado para cobertas abaixo, onde foi constatado pelo doutor Beatty que o ferimento era realmente mortal. Encontrava-se na enfermaria para onde Nelson tinha sido levado o Reverendo Scott, que, ao pressentir a gravidade do ferimento do almirante, ajoelhou-se ao lado da cama onde ele se encontrava. O almirante, então, disse a ele, em voz baixa, que deixava Lady Hamilton e sua filha adotiva Horatia como um legado para o país. Naquela oportunidade, Nelson disse, também, para

29 Em caso da perda do timão do leme, existia o recurso de se governar o navio nas cobertas abaixo, sendo que o comandante dava ordens pelo tubo acústico a um timoneiro, que ficava agindo diretamente no leme, sem se expor.

30 Antes do combate, os oficiais da *Victory* se preocuparam com a segurança de Nelson ao vê-lo usar seu principal uniforme com as medalhas e comendas. Sabiam que os franceses colocariam atiradores nos mastros e certamente localizariam Nelson em razão de suas comendas. Pediram, então, cuidadosamente, ao médico de bordo, doutor Beatty, que solicitasse a retirada das medalhas ao almirante, no entanto, em razão da proximidade da ação, tal solicitação não foi atendida. Mahan acreditou que se pedissem a Nelson a retirada das comendas, certamente ele ficaria ressentido. Fonte: MAHAN, Alfred Thayer. *The Life of Nelson*, v. 2. *Op. cit.*, p. 379.

Beatty que nada podia ser feito por ele e que tinha pouco tempo de vida.

Enquanto as ações corriam, Nelson era informado por Hardy de suas consequências. Ele quis saber se algum navio britânico se rendera, o que foi negado por Hardy. Ao sentir que suas forças estavam diminuindo, Nelson pediu que Hardy rezasse por Emma e que cortasse um pedaço de seu cabelo para o dar a ela. Em seguida, pediu para não ser jogado pela borda no mar, como era tradição na Royal Navy (RN) para quem falecia em combate. Novamente pediu que Hardy tomasse conta de Emma e pediu um beijo de seu amigo, que prontamente o beijou no rosto. “Agora estou satisfeito”, disse Nelson. A todos pediu que lembrassem que ele deixava Lady Hamilton e Horatia como legados ao Reino Unido³¹. A

seu lado, em outra cama, encontrava-se também ferido o seu ajudante de ordens, Tenente Pasco. Nesse instante, muitos vivos foram escutados por todos na enfermaria. Nelson perguntou a Pasco o que era aquilo. Pasco respondeu que eram exclamações de alegria dos marinheiros da *Victory* pela rendição de mais um navio inimigo³². O almirante ficou satisfeito e virou para o lado. Nelson lutou alguns minutos ainda contra a morte, permanecendo todo o tempo lúcido. Ao reverendo Scott, murmurou: “Deus e meu país”³³. Faleceu,

finalmente, na tarde do dia 21 de outubro de 1805, em frente ao Cabo Trafalgar. Suas últimas palavras, às 16h30, foram: “Obrigado Deus, cumpri com o meu dever”³⁴. Ele tinha 47 anos de idade.

Enquanto isso ocorria, muitos oficiais e praças da *Victory* foram atingidos pelos tiros dos mosqueteiros franceses nos mastros do *Redoutable*, incluindo o Capitão Adair, dos reais fuzileiros navais. O próprio comandante do *Redoutable*, Capitão Lucas, considerou que teria condições de abordar o navio britânico e determinou a um grupo de seus marinheiros que se preparasse para tomar por abordagem a *Victory*. Nesse momento surgiu celereamente o *Temeraire*, sob o comando do Capitão Harvey, que abriu fogo com as caronadas e canhões de bordo contra o *Redoutable*, matando ou ferindo mais

de 200 franceses³⁵. Esse ataque foi decisivo, pois um grupo de abordagem britânico subiu a bordo e se apossou do *Redoutable* sem grandes esforços. Quando seu pavilhão foi arriado, encontravam-se mortos ou feridos 522 homens de uma tripulação de 643³⁶.

Na linha de Collingwood, o *Fougueux* encontrava-se bem avariado e derivava para cima do próprio *Temeraire*, que não perdeu tempo para realizar outra grande bordada de tiros, fazendo com que o *Fougueux* praticamente se rendesse a

Ao sentir que suas forças estavam diminuindo, Nelson pediu que Hardy rezasse por Emma e que cortasse um pedaço de seu cabelo para dar a ela

31 LAUGHTON, John Knox. *The Nelson Memorial*. *Op. cit.*, p. 304.

32 MAHAN, Alfred Thayer. *The Life of Nelson*, v. 2. *Op. cit.*, p. 390.

33 *Ibidem*, p. 396.

34 LAUGHTON, John Knox. *Nelson*. *Op. cit.*, p. 234.

35 *Ibidem*, p. 229.

36 *Idem*.



Figura 5 – *A Morte de Nelson*, pintado por Daniel Maclise, em 1864. Em exibição no Palácio de Westminster. Vê-se Nelson sendo amparado por Hardy ainda no convés da *Victory*

outro grupo de presa do *Temeraire*, sob a chefia de seu imediato, Tenente Kennedy. Seu pavilhão foi logo arriado, e os britânicos se apoderaram do *Fougueux*, que ao final teve mais de 400 homens mortos ou feridos³⁷.

Ações individuais ocorreram entre os navios contendores. Os dez navios franco-espanhóis de vante não participaram da ação, como Nelson previra. Laughton apontou que as colunas britânicas sofreram pouco porque o adestramento dos navios espanhóis e franceses era deficiente, conforme também imaginara Nelson.³⁸

Em sequência, *Victory*, *Temeraire* e *Neptune*, na linha de Nelson, e *Royal Sovereign*, *Belleisle* e *Mars*, da linha de Collingwood, foram os navios que mais sofreram os efeitos do combate, enquanto

os outros navios das linhas mais a retaguarda receberam menos tiros. Isso demonstra que os primeiros navios foram os que abriram o caminho e que o engajamento dos demais ocorreu em melhores circunstâncias e concentrado, quando os franco-espanhóis estavam praticamente batidos.

O *Santa Ana*, com o Almirante Alava gravemente ferido, o *Monarca*, *Bahama*, *Algesiras*, *Swiftsure* e *Berwick* arriaram seus pavilhões, com cerca de 400 mortos e feridos em cada um deles. O *Bucentaure*, de Villeneuve, foi terrivelmente atingido pelo fogo do *Neptune*, *Leviathan* e *Conqueror*, vindo a arriar o seu pavilhão. O Almirante Villeneuve e seu estado-maior entregaram suas espadas ao Capitão Atcherley, dos fuzileiros reais, do *Conqueror*, que abordara o capitânia. Atcherley

37 Idem.

38 *Ibidem*, p. 230.

considerou que não poderia receber essas espadas de oficiais mais graduados que ele e os levou para o seu navio, que já se afastava para engajar outro antagonista. Assim Atcherley, em um pequeno barco, levou Villeneuve e seus oficiais para o navio britânico mais próximo, o *Mars*, onde ficaram prisioneiros.³⁹

Os navios de vante da força franco-espanhola, sob o comando do Contra-Almirante Dumanoir no *Formidable*, ainda tentavam se aproximar do combate, mas, em razão da dificuldade em guinar 180 graus, só depois de muitas horas conseguiram engajar com os britânicos, o que nada adiantou, pois era muito tarde para se reverter a derrota. O *San Augustino* foi atacado pelo *Leviathan* e se rendeu. O *Intrepide* foi atacado simultaneamente pelo *Africa*, *Orion*, *Ajax* e *Agamemnon*, vindo também a se render. Dumanoir, vendo a futilidade de suas ações, resolveu, com os navios restantes, se evadir do combate e guinar para o sudoeste, afastando-se da ação. Laughton acreditou que, se Dumanoir tivesse guinado com maior velocidade e trouxesse seus navios em um só corpo, poderia causar estragos no lado britânico.⁴⁰

Um dos navios de Dumanoir, o *Nep-tuno*, não conseguiu se evadir e foi alcançado pelo *Minotaur* e pelo *Spartiate* e, depois de um combate ferrenho, arriou seu pavilhão e se rendeu. Ele e o *Intrepide*

foram os últimos navios a se renderem no combate. Às 5 horas da tarde, a batalha finalmente terminou. Dos 33 navios franco-espanhóis que começaram a ação, 18 se renderam aos britânicos, incluindo os navios capitânicos de Villeneuve, o *Bucentaure*; do contra-almirante francês Magon, o *Algeriras*; do contra-almirante espanhol Cisneros, o *Santíssima Trinidad*; e do vice-almirante espanhol Alava, o *Santa Ana*, um explodiu, o *Achille*, e os outros fugiram da cena de ação. Foi uma vitória esmagadora. A maior batalha naval das Guerras Napoleônicas.

Laughton fez algumas críticas a Collingwood, que deveria perseguir os fugitivos, principalmente a força francesa sob o comando de Dumanoir. Disse ele que Collingwood era um oficial bravo, um bom marinheiro e um esplêndido segundo em comando; no entanto, não tinha o gênio de um grande comandante como Nelson e

certamente estava sob intenso frenesi de combate no momento decisivo da vitória total. Nelson, para ele, teria perseguido os navios inimigos e os destruído um a um⁴¹.

Como um capricho do destino, os navios de Dumanoir que escaparam de Nelson encontraram perto do Cabo Ortegal, em 4 de novembro, um esquadrão britânico sob o comando do Contra-Almirante Sir Richard Strachan e foram capturados facilmente. A vitória de Nelson foi total e completa.

A Batalha de Trafalgar destruiu completamente a coalizão naval franco-espanhola formada por Napoleão e afastou definitivamente a ameaça de invasão da Inglaterra

39 *Ibidem*, p. 232. O comandante do *Mars*, Capitão George Duff, havia morrido em combate; assim, Villeneuve entregou sua espada a seu imediato.

40 *Ibidem*, p. 233.

41 LAUGHTON, John Knox. *The Nelson Memorial*. *Op. cit.*, p. 305.

A Batalha de Trafalgar destruiu completamente a coalizão naval franco-espanhola formada por Napoleão e afastou definitivamente a ameaça de invasão da Inglaterra. O poder naval francês foi varrido dos mares e por cerca de dez anos o comando do mar ficou nas mãos da RN. Para Laughton, a maior importância da batalha foram as lições apreendidas pelos sucessores de Nelson daqueles que “lutaram nobremente e prevaleceram 90 anos atrás”⁴².

As tripulações britânicas ficaram consternadas ao saber da morte de Nelson. Os despachos de Colingwood com as notícias da morte de Nelson chegaram ao Almirantado somente em 6 de novembro, trazidos pela Escuna *Pickle*, sob o comando do Tenente Lapenotiere⁴³. A alegria popular com a vitória foi quase esquecida pela notícia da morte de seu maior herói. A glória e o ganho da vitória pareciam estar perdidos pela morte do herói que as tinha obtido. A *Victory* chegou em Spithead em 5 de dezembro, transportando o corpo de Nelson, que veio colocado em um barril de *brandy*. Ao chegar em Spithead, seu corpo estava em perfeito estado de preservação. Em seguida, ele foi transportado por um séquito de embarcações pelo Rio Tâmisa até o Painted Hall, em Greenwich. Lá permaneceu em exposição pública de 4 a 8 de janeiro de 1806 para as exéquias e visitas da população. No dia 8, o féretro solene com o corpo de Nelson foi transportado por barcos de Greenwich para o Whitehall e de lá seguiu por carruagem até o Almirantado. No dia 9, foi carregado por diversos almirantes em um caixão que, conforme seu desejo, foi construído com o

madeirame do navio francês *L'Orient*, que explodiu em Aboukir. Entre os almirantes e membros da família real que carregaram seu corpo estavam o príncipe de Gales, futuro rei Jorge IV; seu grande mentor e amigo Sir Peter Parker; Lorde Hood; Lorde Radstock e o Duque de Clarence, futuro William IV, além de toda a família real. Do Almirantado o féretro seguiu até a Catedral de Saint Paul, onde foi enterrado em uma cripta, que inicialmente seria para o Cardeal Wolsey, do tempo de Henrique VIII, e que lá ficou sem uso até a morte de Nelson. A cripta permanece até hoje em Saint Paul com o corpo de Nelson, embora Laughton considere tal cripta feia e grotesca⁴⁴.

Como homenagem a Nelson, seu irmão William foi declarado par da Inglaterra e distinguido com o título de Conde Nelson de Trafalgar e Merton, sendo a honraria passada para seus descendentes masculinos e os de suas irmãs, senhoras Bolton e Matcham. Foram doadas 15 mil libras a cada uma destas e 2 mil libras anuais a Lady e Viscondessa Nelson. Lady Nelson recebeu, ainda, 99 mil libras para aquisição de um terreno associado ao título. O Ducado de Bronte, na Sicília, foi passado para a filha mais velha de William, que se casou em 1810 com o Visconde de Bridport. Collingwood foi elevado a barão com o título de Barão Collingwood de Caldburne e Hethpoole em Northumberland. Como não teve filhos homens, o título se extinguiu com sua morte, em 1810⁴⁵.

Laughton fez questão de apontar que, para Emma, apesar dos pedidos veementes de Nelson em seu diário, com duas

42 LAUGHTON, John Knox. *Nelson. Op. cit.*, p. 238. O livro de Laughton foi escrito em 1895, cerca de 90 anos depois.

43 Lapenotiere acabou sendo promovido a mestre e comandante e a capitão em 1811. Fonte: LAUGHTON, John Knox. *The Nelson Memorial. Op. cit.*, p. 307.

44 LAUGHTON, John Knox. *The Nelson Memorial. Op. cit.*, p. 319.

45 *Ibidem*, p. 311.

testemunhas presentes, nada foi dado. Para o historiador inglês, o governo tinha consciência de que Nelson fora enganado por ela e que os serviços prestados por Emma à Grã-Bretanha, que Nelson alegou enfaticamente em seu testamento, só existiram na imaginação dele. Emma tampouco teve sorte, pois o primeiro lorde do Tesouro na época da morte de Nelson era Lorde Grenville, que fora secretário do Exterior quando Emma se encontrava em Nápoles e sabia que as justificativas de que ela prestara relevantes serviços à coroa britânica eram fictícias⁴⁶. Além disso, as alegações judiciais de que Emma era esposa de Nelson eram absurdas, pois suas conexões com ele eram sempre negadas e Horatia não era reconhecida oficialmente como filha de ambos. Muitos, inclusive, acreditavam que a relação dos dois era apenas platônica⁴⁷. Os membros do Parlamento tinham consciência, segundo Laughton, de que Emma já tinha boas fontes de rendas, cerca de 2 mil libras anuais, provindas de seu falecido marido e do próprio Nelson. A conduta de Emma não inspirava a menor simpatia a Laughton. Para ele, ela nunca amou Nelson, e seu único amor verdadeiro foi Greville, sobrinho de Sir William Hamilton, que praticamente a vendeu ao tio. A vaidade guiava suas ações, e a adoração de Nelson por ela aumentou ainda mais a sua posição predominante em Merton. As atitudes extravagantes de Emma, quando Nelson estava no Mediterrâneo, não eram condizentes com uma mulher ligada a ele por forte paixão⁴⁸. Laughton considerava Emma uma grande artista, que, ao saber da

morte de Nelson, ao invés de pranteá-lo no interior de sua casa, em Merton, preferiu demonstrar a todos o seu sofrimento de um modo explícito, indo diariamente ao teatro, em Londres, para assistir à música “A morte de Nelson”, cantada por Braham, chorando exatamente no mesmo refrão e desmaiando no refrão final⁴⁹. Emma acabaria dilapidando tudo o que conquistou, inclusive a casa de Merton. Acabou presa por dívidas e morreu sem esplendor em Calais, na França, em 1815. Nelson deixou uma pensão de 4 mil libras para sua filha Horatia, que finalmente tirou o Thompson do nome, tornando-se Horatia Nelson. Ela viveu sob os cuidados das irmãs de Nelson e, em 1822, casou-se com o reverendo Philip Ward, vigário de Tenterden em Kent. Morreu em 1881⁵⁰.

Laughton terminou sua biografia afirmando que “entretanto a mais verdadeira, a mais nobre, o maior monumento nos corações do povo inglês, onde purificado de todas as manchas terrenas, sua memória vive venerada como um ideal de heroísmo, autossacrifício e dever”⁵¹. Para Laughton, Nelson foi o ideal perfeito do herói nacional inglês.

Mahan, por sua vez, em uma última reverência e homenagem a seu herói morto em ação em Trafalgar, disse o seguinte em sua biografia, como palavras derradeiras:

Ali, rodeado de seus companheiros de triunfo, e pelos troféus de suas proezas, deixamos nosso herói com suas glórias. Compartilhando nossas mortais fraquezas, ele nos legou um tipo de autodevoção que não pode acabar.

46 Idem.

47 *Ibidem*, p. 312.

48 *Ibidem*, p. 313.

49 *Ibidem*, p. 314.

50 *Ibidem*, p. 316.

51 LAUGHTON, John Knox. *Nelson. Op. cit.*, p. 240.

Como o seu hino funerário proclamou enquanto a nação chorava, “seu corpo está enterrado em paz, mas seu nome vive para sempre”. Guerras podem acabar, mas a necessidade de heroísmo não deve acabar nessa terra, enquanto o homem permanecer homem e o mal existir para ser remediado. Onde quer que o perigo tiver que ser encarado ou o dever ser realizado, ao custo de vidas, homens terão inspiração no nome e nos feitos de Nelson... Ele não precisou e não deixou nenhum sucessor. Para usar novamente as palavras de St. Vincent, “só há um Nelson”.⁵²

O LEGADO DE NELSON E O SENTIDO DO HEROÍSMO

Nelson tem sido o mais festejado herói britânico de todos os tempos. A cada ano, na noite do dia 21 de outubro, todos os navios e estabelecimentos navais do Reino Unido celebram com um jantar de gala a vitória do almirante na batalha naval de Trafalgar. Essa noite é chamada de Trafalgar Night. Mesmo algumas unidades navais dos EUA celebram a Trafalgar Night como uma reverência a Nelson⁵³.

Não só na Trafalgar Night Nelson é lembrado. Monumentos em sua homenagem se espalham pela Inglaterra, Escócia, Irlanda, Nova Zelândia, Austrália e em muitos outros países. Existem estátuas de Nelson na Catedral de St. Paul (Londres), Liverpool, Castle Arch, Cork, Portsdown Hill, Birmingham, Bristol, Norwich, Yarmouth, Dublin, Edinburgh, Glasgow, Portsmouth, Norfolk, Bridgetown (Barba-

dos) e em outras dezenas de lugares. Entretanto o mais significativo monumento a Nelson está localizado no centro da cidade de Londres, em Trafalgar Square, próximo ao National Gallery e à bela igreja de Saint Martin-in-the-Fields: a Coluna de Nelson.

Em 1940, Adolf Hitler declarou, logo após a vitória sobre a França, que, assim que a Operação Leão do Mar tivesse sucesso, removeria a Coluna de Nelson de Trafalgar Square para Berlim, para ser observada pelo povo alemão como um objeto de fetiche. Disse ele que “desde a batalha de Trafalgar, a Coluna de Nelson representa para a Inglaterra um símbolo do seu poder naval e domínio mundial. Seria então uma forma expressiva de indicar a vitória germânica se a Coluna de Nelson fosse transferida para Berlim”⁵⁴.

Além desses monumentos, o nome de Nelson tem sido reverenciado por colecionadores que procuram objetos relacionados ao herói de Norfolk. A esse movimento de colecionadores dá-se o nome de nelsonia. A nelsonia pode ser dividida em duas categorias distintas de coleções. A primeira inclui instrumentos e objetos que foram por ele tocados ou produzidos, tais como cartas, instruções para subordinados, objetos de casa, pratos, canecas, garfos, facas, porcelanas e outros produtos que a ele pertenciam. A segunda categoria inclui produtos comemorativos dos feitos de Nelson desde 1790 até os dias atuais. A ele não pertenceram, porém em sua homenagem foram produzidos, tais como pinturas, quadros, porcelanas, selos, caixas comemorativas, revistas, jornais, bustos e canecas⁵⁵. Muitas vezes

52 MAHAN, Alfred Thayer. *The Life of Nelson*, v. 2. *Op. cit.*, p. 397 e 398.

53 HAYWARD, Joel. *Op. cit.*, p. VIII.

54 FRASER, Flora. “If you seek his monument”. In: WHITE, Colin (ed). *The Nelson Companion*. Gloucestershire: Bramley Books, 1995, p. 129.

55 RICHARDS, Clive. “The Nelson Collection of Clive Richards”. *The Naval Review*, v. 99, n. 4, London: NR, november 2011, p. 395.

esses objetos das duas categorias custam milhares de libras em leilões britânicos.

Afinal, o que leva milhares de pessoas a até hoje se lembrarem de Nelson? Quais as similaridades e discordâncias percebidas de Nelson nas biografias escritas por Sir John Knox Laughton e Alfred Thayer Mahan? Quais autor ou autores do século XIX que discutiram o papel do grande homem ou herói na história mais se aproximam da visão de Laughton e Mahan a respeito de Nelson?

Tanto as trajetórias, como as percepções de se pesquisar e escrever a história naval, são distintas para Laughton e Mahan. Como grandes diferenças de percepção, podem-se apontar as diferentes formações entre os dois, sendo Laughton um produto da Universidade de Cambridge, com ênfase no método científico, enquanto Mahan era proveniente da Academia Naval de Annapolis, com uma formação técnica voltada para a carreira do oficial de Marinha. Essas diferentes formações se refletiram no modo de escrever a história, sendo Laughton um autor acadêmico, enquanto Mahan era um historiador empírico. Os estilos também eram diferentes, sendo Mahan mais emocional do que Laughton, que procurava limitar, sempre que possível, seus adjetivos sobre Nelson. O uso de fontes parece ter sido idêntico, pois, embora Mahan não apreciasse a pesquisa arquivística primária, no caso do *Life of Nelson* ele fez questão de se valer de documentação primária para compor o seu biografado. Laughton apreciou a pesquisa arquivística em toda a sua obra. Para Mahan, a história era prescritiva e uma ferramenta para a estratégia, o que se refletiu no texto, ao se concentrar, detalhadamente, nos aspectos táticos e técnicos dos combates de Nelson, fruto de sua formação militar, enquanto Laughton foi menos “estratégico” e mais

historiador em sua abordagem, em razão de sua atuação docente no King’s College. O autor inglês percebia a história naval como uma parte da história geral e enaltecia o caráter acadêmico e científico dessa disciplina. Ambos, no entanto, problematizaram as suas biografias, fato que, na obra completa de Mahan, não tivera tanta relevância. Mahan via a providência como a condutora do processo histórico, enquanto Laughton percebia a história como um processo contínuo, sem ser guiado pela vontade de Deus. Por certo que, tanto Mahan como Laughton, atuaram como juizes nas suas biografias, julgando o tempo todo a conduta de Nelson, no entanto Mahan foi muito mais crítico que Laughton, que procurou limitar as críticas, mantendo-se afastado de certos julgamentos morais, tão caros para o seu colega norte-americano. Laughton foi vitoriano em sua abordagem, apontando deslizes, no entanto não enfatizou esses pontos como primordiais em sua biografia, preferindo se ater ao que realmente interessava, indicar a superioridade de Nelson perante seus pares e adversários e sua importância para a história naval britânica.

Ao se analisarem comparativamente as visões de Laughton e Mahan sobre Nelson, deve-se dividir essa questão em dois pontos distintos: o primeiro o caráter militar, e o segundo a conduta da vida privada do herói de Burham Thorpe.

No ponto de vista militar, Nelson era um herói reverenciado tanto por Laughton como por Mahan, no entanto alguns pontos não foram coincidentes entre os dois historiadores. Como chefe militar, tanto Laughton como Mahan tinham em Nelson um exemplo de marinheiro, comandante e almirante, e não à toa ele era considerado o maior herói da RN de todos os tempos, suplantando, inclusive, ícones como Sir Francis Drake,

Sir Walter Raleigh, Sir George Monck, Lorde Howe e Lorde St. Vincent.

Laughton não apreciou a indisciplina de Nelson em relação a seus comandantes, em especial sua postura perante o Almirante Hugues e o Capitão Moutray. Para o autor inglês, Nelson deveria obedecer a ordem e depois ponderar a conveniência daquela determinação. Essa postura indisciplinada de Nelson, de uma certa forma, se refletiu no ostracismo após seu retorno à Inglaterra. Mahan, um defensor, procurou justificar essa conduta imprópria de Nelson com seus superiores afirmando que ele possuía independência de pensamento e atitudes que apontavam uma genialidade inata e que, em certas situações, essa postura foi fundamental para indicar o caminho correto. Para Mahan, seu ostracismo se deveu mais a sua conduta de apoio ao Duque de Clarence em relação ao Rei Jorge III do que a qualquer outra atitude. Sua admiração por Nelson o cegou de sua formação militar que indicava obedecer primeiro e ponderar depois, como pretendido pelo historiador inglês. Nesse ponto percebe-se que essa admiração foi mais forte do que a formação militar apreendida em Annapolis. Um caso, entretanto, em que ambos concordaram foi a crítica e a desobediência de Nelson em relação à ordem dada pelo Almirante Lorde Keith para que ele se dirigisse a Malta, ao invés de permanecer parado em Nápoles. Nelson não obedeceu a seu chefe, e tanto Laughton como Mahan criticaram essa atitude insubordinada. Para ambos, Emma foi a razão dessa insubordinação, e talvez por isso Mahan tenha criticado o seu herói. Como se percebe, Mahan tinha grande antipatia por Emma Hamilton. Mahan, sempre ávido por justificar seu herói, indicou em Nelson, além de independência de atitudes, uma grande capacidade de assumir responsa-

bilidades, sem procurar imputar a outros os seus fracassos. Laughton também indicou essa característica de Nelson, no entanto foi comedido em seus elogios, de acordo com uma postura vitoriana típica em economizar adjetivos.

Sobre o caso Caracciolo, a posição de Nelson favorável ao enforcamento desse nobre foi apoiada tanto por Laughton como por Mahan. Ambos consideraram que Caracciolo foi um traidor e passível da pena de morte. O que nenhum dos dois conseguiu explicar convenientemente foi por que Nelson não concedeu a Caracciolo a possibilidade de ser fuzilado em vez de ser enforcado, mais apropriado para um alto membro da corte napolitana. Teriam Emma ou a Rainha Maria Carolina influenciado Nelson para essa atitude extrema? Laughton não acreditou nessa possibilidade, no entanto Mahan, por ter uma antipatia natural por Emma, apontou que as ideias de sua amante podem ter sido decisivas para a atitude de Nelson. Assim, Emma pode ter sido, indiretamente, responsável por essa atitude cruel de Nelson.

Dessa forma, pode-se concluir que tanto Laughton como Mahan perceberam e admiraram Nelson da mesma forma, um herói naval a ser reverenciado no Reino Unido, diferindo apenas em intensidade e em pontos específicos que não afetaram essas duas percepções, sendo Mahan mais veemente em sua defesa do herói, enquanto Laughton foi mais comedido em seus elogios.

Quanto à vida privada de Nelson, as diferenças foram mais acentuadas entre os dois historiadores. Laughton apontou que Nelson não amava sua esposa Frances, pois suas cartas eram distantes, centradas e sem arrebatamentos emotivos, indicando mais uma ternura do que amor e paixão. O autor inglês procurou comentar

pouco a vida privada de Nelson, dentro do espírito vitoriano, no entanto certas posturas de Nelson não podiam ser ignoradas, e Laughton não pôde fugir desses fatos. Para ele, Emma era uma mentirosa contumaz, embora tivesse algumas qualidades que não podiam ser desprezadas. Na visão de Laughton, Frances errou ao se manter contida e distante de Nelson, em uma ocasião em que ele vinha se envolvendo com a mulher do embaixador inglês no Reino das Duas Sicílias. Percebeu o que ocorria e nada fez para mudar aquela situação, principalmente diante da atitude de uma mulher que transpirava sensualidade e desinibição como Emma. Além disso, Frances veio a se atritar com Nelson em razão de seu filho Josiah não ter a proteção de seu marido, que ela considerava necessária. Laughton indicou, no entanto, que Josiah vinha tendo um desempenho profissional abaixo da crítica após a proteção explícita de Nelson, o que provocou um distanciamento dele para com Josiah e, por conseguinte, com Frances. Essas brigas entre ela e Nelson aceleraram a separação. Frances teve, assim, sua parcela de culpa na atração de seu marido por Emma e na posterior separação. Laughton imputou o adultério de Nelson como um reflexo de sua própria personalidade passiva perante a adulação explícita de Emma e do convencimento, por parte dela, de que tinha uma relação platônica com Sir William, atuando o último mais como um tio do que como marido. Assim, para o historiador inglês, Nelson não foi hipócrita ao enganar o seu amigo Sir William. Nelson era um ingênuo e se envolveu com Emma por puro amor, considerando que Sir William não a considerava sua esposa, mas apenas sua “sobrinha” que podia ser seduzida por ele. Para Laughton, Emma nunca amou Nelson verdadeiramente, sendo assim

uma mentirosa compulsiva e ávida por fama, dinheiro e aventura.

Para Mahan, por sua vez, Frances não despertava grande paixão em Nelson. Além disso, ela não exaltava as glórias e realizações de seu marido, o que teria provocado, em parte, o afastamento dele. Para o historiador norte-americano, Emma encarnava o que havia de pior em um ser humano, embora reconhecesse nela algumas qualidades, como beleza, charme e determinação. Para ele, Emma era uma adúladora contumaz, que não media esforços para convencer Nelson de que ela era uma santa e que tudo faria por ele. Nelson era suscetível a adulações e logo caiu nos braços daquela bela mulher, que era bem diferente de Frances. Mahan não poupou críticas a Emma e censurou Nelson severamente por se influenciar por ela. Esse relacionamento afetou a vida do herói como uma mácula em sua biografia. Emma, por sua conduta dominadora, expôs tanto Nelson como Sir William ao ridículo, provocando comentários desairosos na sociedade inglesa do período sobre o relacionamento dos três, vivendo sob o mesmo teto. Ele foi adúltero e não teve remorso em expor Frances a situações escandalosas e constrangedoras. Isso, para Mahan, foi uma mancha terrível em sua biografia. Não pode ser esquecido que Mahan era excessivamente moralista e religioso, que não perdoava atitudes que fossem contra os seus princípios. Para ele, Nelson era um herói genial, porém um marido essencialmente adúltero, enquanto Emma nunca amou realmente Nelson e o que queria era conseguir fama, poder e enaltecimento por meio dele. Para Mahan, Nelson enganou certamente seu amigo Sir William tendo um caso com sua esposa, o que era imperdoável. O autor também, defendeu Frances, ao apontar a sua bondade com todos os escândalos que a afetavam.

Ela manteve uma atitude digna e enalteceu Nelson até o fim de seus dias, o que para ele era notável.

O que se pode concluir com essas percepções é que ambos os autores repassaram aos textos muito do que eles efetivamente eram como pessoas. Laughton, comedido, científico e ascético, escreveu sua biografia procurando economizar nos adjetivos, agindo como um *gentleman* vitoriano, enquanto Mahan, moralista, emocional e religioso, procurou apontar Nelson, em sua vida privada, como um homem com defeitos e qualidades, inclusive

a sua extremada caridade, sendo, porém, um adúltero que maltratou sua esposa e manchou sua reputação.

O que Laughton e Mahan pretenderam com suas biografias foi apresentar um homem com grandes virtudes e falhas, no entanto e especialmente, um herói em carne e osso, que se transformou em mito, um combatente patriota com grande liderança. Essa talvez tenha sido a principal mensagem dessas duas notáveis biografias de Horatio Lorde Nelson e um exemplo para todas as Marinhas do mundo, daí ser ele universal.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<NOMES>; Vultos Navais;

BIBLIOGRAFIA SOBRE HORATIO LORDE NELSON

(para os interessados em expandir os conhecimentos sobre Nelson no século XIX)

- ALLEN, Joseph. *Life of Lord Viscount Nelson*. [S.L, s.n],1853.
- ANONYMUS. *On Lord Nelson Victory over the French Fleet at Aboukir*. Pisa. Italy, [s.n] 1798.
Versos escritos por um italiano em inglês imperfeito.
- ANONYMUS. *Life of Nelson*. 1805. [S.L, s.n]. Trabalho com rumores de pequeno valor.
- ANONYMUS. *The Progress of Glory in the life of Horatio Lord Nelson of the Nile*. Whitehaven. 1806. [s.n]. Versos em métrica heróica.
- ANONYMUS. *The Letters of Lord Nelson to Lady Hamilton with a supplement of interesting letters by distinguished characters*. MacDonald and Son, Smith Feld, Thomas Lovewell & Co. Staines House, Barbican, 1814. 2 vol.
- ANONYMUS. *Leven van Lord Horatio Nelson, Admiraal in Engelschen dienst, Hertog van Bronte enz*. A. Loosjes, Haarlem [s.n],1806.
- ANONYMUS. *Life and achievements of Lord Nelson, who fell in the glorious victory obtained over the combined fleets of France and Spain, off Cape Trafalgar, on the 21st October 1805*. E. Young, London, 1805.
- ANONYMUS. *The life of the Right Honourable Horatio Lord Viscount Nelson, Baron of the Nile, Duke of Bronte, in farther Sicily*. Hartley, Halifax, 1841.
- ANONYMUS. *Memoirs of the life and death of the Right Honourable Horatio Lord Viscount Nelson... comprehending authentic details of his glorious achievements under the British flag... also a sketch of the life of Sir Sydney Smith*. C. Goodchild, Liverpool, 1806.

- ANONYMUS. “*A Captain of the British Navy*”: *Memoirs of the life and achievements of the Right Honourable Horatio Lord Viscount Nelson*. H.D. Symonds & J. Hatchard & J. Ridgway, London, 1805.
- ANONYMUS. *Histoire des Combats d’Áboukir de Trafalgar de Lissa du Cap Finisterre et des plusieurs autres batailles navales depuis 1798 jusqu’en 1813*. Par un Capitaine de Vaisseau, 1829. O autor estava a bordo do *Orient*, no Nilo.
- ANONYMUS. *The Life of Admiral Viscount Nelson*. The Black Pirate & Co, [s.l.], 1840.
- ANONYMUS. *The Life of Horatio Lord Viscount Nelson*. [S.L., s.n.]. Panfleto de 104 páginas com gravações diversas.
- ANONYMUS. *Horatio Lord Nelson, Duke of Bronte*. Verità [s.l.], 1891. Escrito para a Exibição Naval de 1891.
- BARKER, M. H. *The Life of Nelson*. Old Sailor [S.L., s.n.], 1836.
- BAQUER, Antonio (tr.). *Vida del Vice Almirante Lord Vizconde de Nelson, Duque de Bronte traducida del Portugues al Espanol...* Mariano de Zuniga y Ontiveros, México, 1806.
- BEATTY, William: *Authentic narrative of the death of Lord Nelson: with the circumstances preceding, attending, and subsequent to, that event; the professional report of his lordship's wound; and several interesting anecdotes*. T. Cadell & W. Davies, London, 1807. Escrito pelo cirurgião do HMS *Victory* na Batalha de Trafalgar, depois médico na esquadra sob o comando de Conde de St. Vincent.
- BERESFORD, Charles William de Poer & WILSON, Herbert Wrigley. *Nelson and his times*. Harmsworth, London, 1897.
- BERRY, Sir Edward. *An Authentic narrative of the proceedings of His Majesty's squadron under the command of Sir Horatio Nelson from its sailing from Gibraltar to the conclusion of the battle of the Nile*. Sun: London, 1798.
- BETHUNE, John Drinkwater. *A narrative of the battle of St. Vincent with anecdotes of Nelson before and after that battle*. Saunders & Otley, London, 1840.
- BLAGDON, F. W. *Orme graphic history of the life, exploits and death of Horatio Viscount and Baron Nelson of the Nile and Burham Thorpe in the County of Norfolk*. London: Edward Orme, 1806.
- BROWNE, G. Lathom. *Nelson. The public and private life of Horatio, Viscount Nelson, as told by himself, his comrades, and his friends*. T. Fisher Unwin, London, 1891.
- CANNING, George. *Ulm and Trafalgar*. [S.L., s.n.], 1806.
- CENTO, A. *Adapted to the occasion from the sacred music of Haendel as a tribute to the memory of the immortal Nelson*. Theatre Royal, Drury Lane, 1806.
- CHARNOCK, John. *Biographical memoirs of Lord Viscount Nelson, &c, &c, &c with observations, critical and explanatory*. H.D. Symonds & J. Hatchard, London, 1806.
- CURCHILL, T.O. *Life of Lord Viscount Nelson*. [S.L., s.n.], 1808.
- CLARKE, James Stanier & MACARTHUR, John. *The life of Admiral Lord Nelson, KB*. T. Cadell & W. Davies & W. Miller, London, 1809. 2 vols.
- CLARKE, Richard. *The life of Horatio Lord Viscount Nelson... with biographical particulars of contemporary naval officers. To which is added a correct narrative of the ceremonies attending his funeral*. J. & J. Cundee, London, 1813.
- CLARKE, James Stanier & M'Arthur, John. *The life and services of Horatio Viscount Nelson*. Fisher, London, 1840.
- CLARKE, James Stanier & M'Arthur, John. *The Life and Services of Horatio Viscount Nelson, From His Lordship's Manuscripts*. Fisher, London, [1840 (3rd)]. 3 vols.
- COUTO, José de. *Combate Naval de Trafalgar*. Madrid, [s.n.], 1851.
- CUNNINGHAM, Isabella. Countess of Glencairn. *A letter to the Right Honorable Spencer Percival on the subject of certain claims upon Government and containing an appeal to the british nation on the most wanton and invidious aspersion made by him of the character of the late ever to be lamented Lord Nelson*. [S.L., s.n.], 1812.

- DRINKWATER-BETHUNE, J. *A narrative of the Battle of St. Vincent with anecdotes of Nelson*. [S.L, s.n], 1840.
- DUNCAN, Archibald. *The life of the late most noble Lord Horatio Nelson, Viscount and Baron Nelson of the Nile... including ample and authentic accounts of the brilliant victories... with interesting anecdotes of distinguished naval officers....* J. Nuttall, Liverpool & James Cundee, London, 1806.
- EDEN, Sir F. M. *Brontes. a cento to the memory of Viscount Nelson, Duke of Bronte*. [S.L, s.n], 1806.
- EDINBURGH REVIEW. *Lord Nelson's letters to Lady Hamilton; letters and despatches of Lord Nelson; Emma Lady Hamilton*. Longmans: London, 1814, 1886, 1896.
- EVANS, T. A. *Statement regarding the discovery of Lord Nelson's coat*. [S.L, s.n], 1846.
- FOOTE, E. J. *Vindication of his conduct in the Bay of Naples, 1799*. [S.L, s.n], 1807.
- FORGUES, E. Durant. *Histoire de Nelson d'après les dépêches officielles et sa correspondance particulière*. [S.L, s.n], 1860.
- FRENCH, G. R. *The Royal Descent of Nelson and Wellington from Edward I*. [S.L, s.n], 1853.
- HARRISON, James. *The life of the Right Honourable Horatio Lord Viscount Nelson* C. Chapple, London, 1806, 2 vols.
- HORSLEY, Samuel. *A sermon preached in the cathedral church of Saint Asaph, on Thursday, December 5, 1805, being the day of public thanksgiving for the victory obtained by Admiral Lord Viscount Nelson over the combined fleets of France and Spain off Cape Trafalgar*. J. Hatchard, London, 1806.
- JEAFFRESON, J. C. *Lady Hamilton and Lord Nelson*. 2v. London: Hurst and Blackett, 1888.
- JEAFFRESON, J. C. *The Queen of Naples and Lord Nelson*. [S.L, s.n], 1889, 2.vol.
- JONES, Mrs. Herbert. *Unpublished letters of Lord Nelson to Sir Thomas Troubridge*. [s.L] Century, 1888.
- LAMARTINE, A. De. *Nelson*. [S.L, s.n], 1864.
- LAUGHTON, John Knox. *Nelson*. Macmillan, London, 1895.
- LAUGHTON, John Knox. *The Nelson memorial. Nelson and his companions in arms*. George Allen, London, 1896.
- LAUGHTON, John Knox. *Letters and despatches of Horatio, Viscount Nelson, Duke of Bronte*. Longman & Green, London, 1886.
- LAUGHTON, John Knox. *The Story of Trafalgar*. Griffin & Co, Portsmouth, 1891.
- LETUAIRE, Henri. *Combat de Trafalgar: rapport fait au Ministre de la Marine et des colonies par le capitaine de vaisseau E. Lucas, commandant le Redoutable pendant cette bataille célèbre. Mort heroique de l'Amiral Nelson*. Hyères; Paris, 1891.
- LLOYD, Frederick. *An accurate and impartial life of the late Lord Viscount Nelson... together with private anecdotes ...* J Fowler, Ormskirk, 1806.
- MAHAN, Alfred Thayer. *The Life of Nelson, the embodiment of the sea power of Great Britain*. Sampson Low, London, 1897. 2 vols.
- MARLIANI, Manuel. *Combate de Trafalgar: vindicacion de la Armada espanola contra las aseeriones injuriosas vertidas por M. Thiers en su Historia del Consulado y del Imperio*. [s.n], Madrid, 1850.
- MATCHAM, George. *Notes on the character of Admiral Lord Nelson in relation to the journal of Mrs St George*. James Ridgway, London, 1861.
- MILES, J. *Vindication of Admiral Lord Nelson's Proceedings in the Bay of Naples*, 1843.
- MORRISON, A.(ed) *The Hamilton and Nelson Papers*. 2.v. 1893-1894.
- NELSON, Horatio. *Letters from Admiral Lord Nelson to Hercules Ross Esq of Rossie, NB, 1780-1802*. 1891.
- NICOLAS, Nicholas Harris. *The Dispatches and Letters of Vice-Admiral Lord Viscount Nelson*. Henry Colburn, London, 1844-46. 7 vols.

- ORME, Edward & BLAGDON, Francis William. *Orme's graphic history of the life, exploits, and death of Horatio Nelson... containing fifteen engravings... the Battle off St. Vincent's, the Nile and Trafalgar*. Longmans, Hurst, Rees & Orme, London, 1806.
- PETTIGREW, Thomas Joseph. *Memoirs of the life of Vice-Admiral Lord Viscount Nelson, KB...* T. & W. Boone, London, 1849, 2 vols.
- RALFE, James. *Naval biography of Great Britain: consisting of historical memoirs of those officers of the British Navy who distinguished themselves during the reign of His Majesty George III*. [S.L, s.n], 1828, 4.vols.
- RUSSELL, W. C. *Nelson and the Naval Supremacy of England (Heroes of the Nation Series)*. [S.I], Atheneum, 1890.
- SOUTHEY, Robert. *The Life of Nelson*. John Murray, London, 1813. 2 vols.
- STRAHAN, Richard, Sir. *Authentic memoirs of the brave and much-lamented Adml Lord Nelson, the idol of his country...* J. Roach, London, 1805.
- THOMPSON, G. *The life of the Right Honourable Horatio Lord Viscount Nelson, Baron of the Nile...* J.S. Pratt, London, 1841. J.S. Pratt, London, 1843. J.S. Pratt, London, 1844.
- TUCKER, John Montmorency. *The life and naval memoirs of Lord Nelson...* Willoughby, London, 1845.
- WHITE, Joshua. *Lebensbeschreibung des Horatio Lord Viscount Nelson...* August Campe, Hamburg, 1806.
- WHITE, Joshua. *Memoirs of the professional life of the Right Honourable Horatio Lord Viscount Nelson... with biographical particulars of contemporary naval officers*. James Cundee, London, 1806.
- WHITE, Joshua. *Memoirs of the professional life of the late most noble Lord Horatio Nelson... with biographical particulars of contemporary naval officers... to which is added... the ceremonies attending his funeral*. James Cundee, London, 1806.
- WILLYAMS, Cooper. *A voyage up the Mediterranean in His Majesty's Ship the Swiftsure, one of the squadron under the command of Sir Horatio Nelson with a description of the battle of the Nile*. [S.I, s.n], 1802.
- WOOD, Thomas. *Victory and death: the substance of a discourse delivered December 5, 1805: the day of general thanksgiving for the total defeat of the combined fleets by Lord Nelson. In aid of the patriotic fund*. The Author, Huddersfield, 1806.